

VII SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO COLUNI-UFF

07 E 08 DE NOVEMBRO DE 2025

SER OU NÃO SER PROFESSOR?
OS DESAFIOS E AS IMPLICAÇÕES DA PROFISSÃO
DOCENTE NA ATUALIDADE.



Eixo temático: Currículo, Formação Docente e Didática na educação Básica

ENTRE DESORDEM E CRIAÇÃO: A BAGUNZA COMO EXPERIÊNCIA DE(S)COLONIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daiane Francisco de Medeiros¹
Mariana de Abreu Campos²

Resumo expandido:

Este trabalho reflete sobre o saber da experiência (Larrosa, 2002; 2005) de uma professora-pesquisadora de Arte e de uma pesquisadora-pedagoga) do Núcleo de Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF), em uma pesquisa-formação que toma a *Bagunza*, termo de origem africana bantu, o idioma kikongo (Carnevali et al., 2020), como categoria poético-pedagógica. A partir das práticas cotidianas, tensiona-se o modo como a escola tradicional-ocidental (Foucault, 1987) silencia a desordem criadora e dociliza os corpos, limitando a potência inventiva das infâncias. É nesse chão da escola pública que a palavra “bagunça”, usualmente associada à indisciplina, revela-se como espaço de reflexão, criação e celebração do movimento. Conectada à herança afro-brasileira e aos festejos populares, manifesta-se como linguagem de resistência e (re)existência, afirmando o gesto, o corpo e a arte como dimensões formativas. O objetivo é analisar a *Bagunza* como território estético e mobilizador da (de)colonização sob nossa perspectiva docente, valorizando as infâncias como protagonistas na construção de um currículo vivo. Justifica-se por compreender a *Bagunza* como prática criadora capaz de romper com o adultocentrismo e com a lógica disciplinar que restringe o inesperado e o inacabamento das experiências infantis, reabrindo o espaço educativo à invenção, à escuta e à sensibilidade. Ancorada na metodologia pesquisa-formação (Bragança, 2018; Larrosa, 2005), a investigação articula narrativas docentes e registros de um ateliê-itinerante como espaço de criação, à luz das reflexões sobre disciplinamento (Foucault, 1987), reexistência estética e pedagógica (Albán Achinte, 2018) e estética contracolonial da confluência de saberes (Nego Bispo, 2012). O método privilegia o saber encarnado e o diálogo entre educação, arte, corpo e experiência. As práticas revelam que o improviso, o movimento e a desordem mobilizam a docência para o inédito do cotidiano e do planejamento. Situações como a criança que transforma tecidos em dança ou desarruma o espaço do ateliê mostram que o inesperado é motor da criação pedagógica. A *Bagunza* torna-se, assim, zona de escuta e invenção, onde o planejamento se faz vivo e aberto às linguagens das crianças, tensionando o espaço como mediador do currículo e da prática docente. Reconhecer a *Bagunza* como categoria estética carregada de uma epistemologia africana possibilita deslocar paradigmas coloniais de controle do corpo e propor uma pedagogia do sensível. Nessa

¹ Pesquisadora pedagoga na Educação Infantil do Coluni UFF (daiane_medeiros@id.uff.br)

² Docente EBTT de Artes Visuais do Coluni IFF (marcampos@id.uff.br)

VII SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO COLUNI-UFF

07 E 08 DE NOVEMBRO DE 2025

SER OU NÃO SER PROFESSOR?
OS DESAFIOS E AS IMPLICAÇÕES DA PROFISSÃO
DOCENTE NA ATUALIDADE.



perspectiva, o currículo se faz festa e movimento — um espaço-tempo em que aprender e criar se confundem no gesto de (re)existir e de pertencer à escola com a arte.

Palavras-chave: Bagunza; Educação Infantil; Pesquisa-formação; De(s)colonialidade; Experiência estética.

Referências:

CARNEVALLI, F.; CAMPOS, M. **Essa bagunça não se arruma! Ensaio aberto sobre identidade e formação docente em Arte.** São Paulo: Seminário Internacional SESI de Educação, 2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; Bôas, Lúcia Villas (org.). *Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmicos-metodológicos.* (Coleção: Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades, incertezas e refigurações identitária (v. 1)- Curitiba: CRV, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu / Piseagrama, 2023.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **A comunalidade criativa: uma pedagogia da imagem.** In: BARBOSA, A. M.; FONSECA, A. N. da (Orgs). *Criatividade coletiva: arte e educação no século XXI.* São Paulo: Perspectiva, 2023. (p. 91-115).

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible.** Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.